

Contínuo de Itamar afirma que o senador corre perigo

O contínuo do senador Itamar Franco, internado desde o mês passado na psiquiatria do Hospital de Base, José Acelino de Almeida, recebeu alta ontem e voltou a reafirmar o atentado que sofreu no mês passado. Acelino garantiu ainda que o documento apresentado pelo coordenador da Comissão de Sindicância, Jutahy Magalhães, foi obtido mediante torturas em uma delegacia de Teresina, no Piauí.

Ontem, o contínuo disse suspeitar que a voz de vários telefonemas que recebeu seja do agente de segurança do Senado, de nome Bandeira, que segundo ele, é o encarregado da escala dos seguranças da Casa. Acelino também colocou sob suspeição o membro da Comissão de Sindicância Fernando Palma Lima que teria ameaçado fisicamente durante um depoimento. O contínuo reafirmou ainda que os senadores Itamar Franco e Dirceu Cardoso continuam correndo perigo de vida.

O documento apresentado pelo senador Jutahy Magalhães de que José Acelino já havia se envolvido em episódio semelhante no Piauí, foi contestado, e "fui obrigado a assinar o depoimento mediante torturas" e acusou o delegado Edvaldo Moura e o coronel Astrogildo, da polícia piauiense, de terem preparando uma trama contra ele. Acelino disse ainda que vai pedir ao senador Itamar Franco para que consiga meios para fazer uma acareação entre ele e os policiais de Teresina.

LOUCO?

Sobre a possibilidade de ter preparado toda a situação em que se viu envolvido, o contínuo do senador Itamar Franco disse "que só um louco faria isso. Os médicos do Hospital de Base, onde fui bem tratado, atestaram que eu não sou louco. Eu tenho um filho para criar; só um louco poderia fazer isso".

Ainda exibindo manchas avermelhadas nos ombros e nas costas, nada ficou, no entanto, da inscrição feita em suas costas (Dr. Assis) que os senadores Dirceu Cardoso, Itamar Franco e Lázaro Barboza garantem terem constatado. Como testemunho do episódio que

11 JUL 1981



José Acelino, o contínuo do senador Itamar Franco

aconteceu em Teresina, em 1976, Acelino evoca um tal de "perito Hugo", que teria discordado da versão do delegado Edvaldo Moura e da publicação de uma matéria no jornal **O Dia**, do Piauí, que teria noticiado que o seu depoimento estaria sendo obtido mediante coação física.

José Acelino reafirma que foi seqüestrado, há cerca de 20 dias, espancado, torturado com choques elétricos e deixado na porta do Conjunto Nacional e de lá conduzido num táxi para o Hospital de Base. Voltou a afirmar que havia entre seus torturadores uma mulher "e um capitão do Exército". Ao sair do hospital, Acelino disse que procurou a Ordem dos Advogados do Brasil (Seção DF). "Eles vão colocar um advogado para acompanhar o caso. De agora em diante não vou mais andar desarmado".